

SÓ O ATO SALVA (e só o ético pode orar)

Luiz Estrela*

Dizia o apresentador da propaganda política, enchendo a tela de TV com seus olhos azuis, gente excluída e emoção: **“se estas imagens tocam o seu coração, você pode até não saber, mas, no fundo, no fundo, você também é um pouco PT!”**.

Karl Marx, o gênio que ainda no correr dos mil e oitocentos revirou o intestino da produção capitalista e os seus odores à *História*, pode ter errado (o *capitalismo* que se converteria em *socialismo* infelizmente voltou atrás), mas o cuidado com que examinava o trajeto humano em sociedade jamais o autorizou a tirar o lenço do nariz: **nenhum de nós é o que prega. Cada um de nós é o que faz!** Só o ato é verdade, sobretudo o que praticamos sem a intenção de torná-lo público. Tudo o mais (palavra, ideologia...) é moldura para o eterno conflito entre a fala e a mão.



Agora, imagine se *Deus* não tivesse lido *Marx*. Já pensou se Ele se baseasse na oratória de cada um? Que cara teria feito a santa, por exemplo, no momento em que aquele árbitro de futebol - **de braços abertos e olhos para o céu, no centro do gramado** - beijava as suas imagens, utilizando-as para as fraudes que iria cometer? E que cara deve ter feito o próprio *Marx* (se é que ele ainda tinha cara, coitado) quando soube daquele *Land Hover*? Da *cueca* é melhor nem falar, por sua absoluta intimidade com os baixos instintos. De *Severino*? Falar o quê se, além de baixo, ele sempre foi o que disse? **“O Homem é um animal teleológico”** (que age por objetivos), certificou o sereno *Noberto Bobbio* em *A Era dos Direitos*, estendendo a mão ao grego *Aristóteles*, que já havia tipificado o mamífero humano como um **ser político** (que aspira; organiza sistemas; constrói poder). Sai de baixo!

E *Deus* com isso? O lírico *Kant*, a quem o bom *Marx* chamava de *idealista*, dizia: **“acima de mim, o céu estrelado; dentro de mim, a Lei Moral”**. Que lei era esta? Era a valoração interna, pessoal e imperativa, que deveria se transformar num esforço individual para comportar-se segundo os mais altos ideais de conduta, cujo resumo (**comporta-te de tal forma que, se o mundo vier a te imitar, o próprio mundo ficará melhor**) bem poderia adentrar a publicidade com o seguinte slogan: **pessoa boa é a que pratica o ato bom**. Bom, na doce linguagem *Kantiana*, é o ato que, reproduzido, melhora a comunidade. De outro jeito: **bom é quem age com responsabilidade e sem a intenção de prejudicar**. Assim, a *Lei Moral* seria uma espécie de vacina que a consciência se auto-inocula contra a torpeza, propiciando um dia-a-dia que ative *Deus*. Ou gere-**O**. Logo, não basta persignar-se e rezar para que uma mão invisível mova um apagador sobre um possível rastro de crime. Como sugere o bom-senso, **Deus não cai do céu**. E sem **Ética** não é possível alcançá-**LO**. Só o ato salva e só o ético pode orar, embora não precise, já que os seus atos oram por ele.



Por ser a única autorizada por *Deus*, a religião da *boa-fé* a que chamamos *Ética* garante: *Deus não quer mais do que honestidade*, inclusive quando se peca. Seria por isso que o ato de orar é quase compulsivamente precedido do de fechar os olhos? Talvez. Fechados, eles vêem melhor.

Feliz Natal. Próspero ano novo.